

CORREIO ESPORTIVO

COPINHA 2025

Por Bruno Madrid (Folhapress)

O futebol brasileiro começa, de fato, nesta quinta-feira (2). O dia será marcado por seis jogos da 1ª rodada da fase de grupos da Copinha -o maior torneio de futebol júnior do país. O campeonato tem estreantes, novo sistema de ingressos e um veto do governo. O torneio manteve o formato dos últimos anos: os 128 participantes foram divididos em 32 grupos com quatro clubes cada.



Campeonato tem estreantes

Formato do campeonato

Os times jogam entre si e, após as três rodadas, os dois primeiros de cada chave avançam para o mata-mata até a decisão. O Corinthians é o atual campeão e dono do maior número de títulos: foram 11 conquistas. Cada

chave tem uma sede paulista, e há duas cidades estreantes: Santa Fé do Sul e Brodowski. Os municípios do interior entraram na rota da Copinha em 2025 e mantêm equipes locais nos Grupos 2 e 6, respectivamente.

Voltaço

O jogador Chay fez nesta quinta-feira (02) seu primeiro treino com a camisa do Voltaço no CT Oscar Cardoso. O atleta, que estava no CRB, teve o primeiro contato com seus companheiros.

Voltaço II

Chay soma passagens pelo Botafogo e Cruzeiro, onde conquistou a Série B do Campeonato Brasileiro em 2021 e 2022. O elenco do Voltaço se reapresentou durante a tarde após a folga de Ano Novo.

Ponte Preta

Ex-Santos, Serginho foi anunciado pela Ponte Preta nesta quinta-feira (2). O atleta chega em definitivo após atuar pelo Santos na Série B em 2024. Ele foi titular em parte da competição.

Rescisão

O meia de 34 anos rescindiu com a Maringá para reforçar a Macaca no Campeonato Paulista e Série B do Brasileirão. O jogador é amigo de Neymar. Eles se conheceram na base do Peixe.

Flamengo recusa proposta

Aston Villa ofereceu 15 milhões de euros pelo lateral-direito Wesley

Por Luiza Sá (Folhapress)

O Flamengo recusou uma proposta do Aston Villa, da Inglaterra, pelo lateral-direito Wesley. Os ingleses ofereceram 15 milhões de euros (cerca de R\$ 96 milhões). A informação foi dada inicialmente pelo jornalista Vene Casagrande e confirmada pela reportagem.

Wesley está visado no mercado europeu após terminar o ano em alta. Ele pensa em disputar o Mundial de Clubes, mas tem o sonho de atuar na Europa.

Em julho, o Flamengo recusou proposta de 12 milhões de euros (R\$ 72 milhões na época) do Bornemouth, da Inglaterra. Depois, aceitou a oferta da Atalanta, da Itália, de 20 milhões de euros (R\$ 120 milhões na época), sendo



Reprodução/Redes sociais

Flamengo quer vender Wesley por um valor mais alto

16 milhões de euros fixos e o restante em bônus. No entanto, a negociação deu errado.

O Flamengo entende que precisaria de valores mais al-

tos para liberar Wesley. Titular absoluto de Filipe Luís, ele é visto como fundamental no planejamento.

A gestão anterior avaliava

sentar para conversar apenas com valores acima dos 25 milhões de euros a nova gestão deve seguir o mesmo pensamento. Quem está tocando isso é José Boto. Wesley já recebeu várias sondagens de clubes de fora do país. O Flamengo espera receber algumas procuras nesta janela.

Flamengo recusa proposta do Cruzeiro

O Flamengo também recusou a primeira proposta do Cruzeiro pelo zagueiro Fabrício Bruno. O time mineiro fez uma oferta de 5 milhões de euros (R\$ 32 milhões) por 50% do jogador.

O Flamengo entende que a oferta precisa aumentar e muito o valor se quiser o defensor, segundo ouviu o UOL. O clube recusou no passado propostas mais altas.

Luciano deve seguir titular no São Paulo

Reprodução/Redes sociais



Luciano foi artilheiro do time no ano com 18 gols

O São Paulo nunca escondeu de ninguém que buscava no mercado um meia com as características de camisa 10 e encontrou-o em Oscar. No entanto, o número de camisa já tem dono e assim deve seguir em 2025: protagonista, artilheiro e polêmico, Luciano deve seguir titular do Tricolor paulista.

O São Paulo entende que contratou em Oscar um camisa 10 que também tem mobilidade para jogar pelos lados. A ideia do técnico Luis Zubeldía é acomodar no time titular o quarteto ofensivo formado por Lucas, Oscar, Luciano e Calleri.

Ao contrário do que pode parecer, Oscar não vem para disputar posição com Luciano pela faixa central do campo. A tendência é que Lucas e Oscar joguem por trás de uma dupla de ataque com os camisas 10 e 9.

Luciano foi artilheiro do time no ano com 18 gols e quem mais entrou em campo pelo clube na temporada, com 60 jogos. Esses são os números que jogam a favor de Luciano, mas os 23 amarelos recebidos na temporada e as três expulsões jogam contra.

Folhapress*

INTERNACIONAL

CORREIO NO MUNDO

GONZÁLEZ NA ARGENTINA

A apenas uma semana da nova posse de Nicolás Maduro na Venezuela, o opositor Edmundo González, considerado o verdadeiro eleito, irá à Argentina. A viagem deve ocorrer entre essa sexta-feira (3) e esse sábado (4). Outros países da América do Sul também são cogitados para uma espécie de giro. O Brasil não está a princípio na lista do diplomata exilado em Madri.



González em solo Argentino

Cenário antagônico

O governo Lula 3 não o receberia, e a avaliação é de que o custo político de ir ao país para estar apenas com opositores, desagradando a Brasília e ao Partido dos Trabalhadores (PT), não é compensatório. É um cenário bem diferen-

te do da Argentina, onde o presidente Javier Milei sobe o tom contra a ditadura venezuelana. Um imbróglgio recente elevou a tensão quando Caracas prendeu um militar argentino e o acusou de ligação com terrorismo.

Imbróglgio político

O Brasil busca ajudar Buenos Aires ofertando assistência consular ao preso, enquanto o governo de Milei denunciou Caracas à Corte Penal Internacional pelo caso. González tem prometido que irá à Venezuela na próxima sexta-feira, 10 de janeiro,

data da posse do ditador Maduro. Diz que ele o presidente eleito segundo projetos internacionais e independentes de chegada de votos tomará posse com María Corina Machado, que acredita-se estar exilada em uma embaixada, como sua vice.

Possível prisão

Analistas e opositores, dos mais ao menos radicais, avaliam que o regime fará todo o possível para impedir a ida de González. Isso porque calcularia que prendê-lo em solo venezuelano poderia ser um

novo gatilho para amplas manifestações nas ruas, desde setembro abafadas pela ampla repressão. Se ele tentar ir em voo comercial, acreditam que a ditadura impedirá o pouso da aeronave em Caracas.

Europa dividida por Trump

Tensão aflora às vésperas de seu retorno à Casa Branca

Com visões distantes sobre quase tudo o que toca a União Europeia, o premiê da Hungria, Viktor Orbán, e o presidente da França, Emmanuel Macron, tentaram sair na frente na busca por estabelecer canais de diálogo entre a Europa e o novo governo de Donald Trump, cuja posse está marcada para o próximo dia 20.

O europeísta Macron recebeu o americano, em dezembro, na reabertura da catedral de Notre-Dame, a primeira viagem internacional de Trump depois de eleito. Apenas dois dias depois, o nacionalista Orbán visitou o futuro presidente na Flórida. Tirando a cortesia evidente, um movimento tem pouco a ver com o outro.

Ao se apresentarem como mediadores, Orbán e Macron simbolizam como a volta de Trump à Casa Branca suscita diferentes graus de preocupação no continente. O húngaro faz parte de um grupo político que tenta corroer por dentro as instituições da UE, além de ser simpático ao presidente da Rússia, Vladimir Putin. O francês é enfático no apoio à Ucrânia e na defesa de uma Europa mais unida e soberana.

Seja pela experiência do primeiro mandato de Trump, seja pela retórica da campanha eleitoral, os temas delicados da nova fase das relações entre o continente e os EUA giram em torno principalmente da defesa comum, da Guerra da Ucrânia e de relações comerciais.

É esperado que Trump suba o tom para que os europeus contribuam mais com despesas militares, sob a ameaça de esvaziar a Otan, a aliança militar



Divulgação/ Casa Branca

É esperado que Trump suba o tom para assegurar contribuição

ocidental liderada pelos EUA. Também deverá pedir mais empenho em um processo de negociações que leve a um acordo entre Moscou e Kiev. Na área econômica, forçará a redução do déficit comercial, tentando cooptar a UE em uma ação anti-China.

“Trump vai falar uma linguagem antieuropeia, eurofóbica, porque é isso que agrada o seu eleitorado. Podemos esperar gestos marcantes, como quando não estendeu a mão a Angela Merkel [em 2017]”, diz Mario Del Pero, professor de história das relações transatlânticas na Universidade Sciences Po, em Paris.

Do outro lado, encontrará apoiadores e simpatizantes, como Orbán e o eslovaco Robert Fico, com poucas chances de sucesso na mediação com a UE. E a primeira-ministra Giorgia Meloni, que se apresenta como uma interlocutora mais respeitada para fazer a ponte entre Washington e Bruxelas. A italiana está à frente

de um país fundador, a terceira economia do bloco, e teceu boas relações tanto com a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, quanto com Trump e seu entorno, incluindo o empresário Elon Musk.

“A vitória de Trump legitima e reforça, no curto prazo, atores políticos da direita radical, que são hostis ao projeto europeu”, diz Del Pero. “Haverá uma corrida para se credenciar com Trump entre os líderes da direita europeia.”

Mais crítico ao estilo e às políticas de Trump, um segundo grupo de líderes têm peso para dialogar com o americano, a depender da astúcia diplomática. Além de Macron, o britânico Keir Starmer e o polonês Donald Tusk podem fazer esse papel, especialmente pela importância que seus países têm na área da defesa. Contraste mais evidente, o espanhol Pedro Sánchez desponta como voz natural anti-Trump no poder.

Para responder às dificuldades que o segundo mandato de Trump deverá trazer, a Europa deveria se apresentar coesa e com seus dois países mais relevantes, Alemanha e França, em boas condições de conduzir o bloco. Ambos, no entanto, enfrentam crises domésticas, com os alemães sem nem saber quem será o primeiro-ministro a partir de 23 de fevereiro, quando irão às urnas.

“Não sei como se pode ser otimista neste momento. A Europa se encontra diante de um grande desafio e se prepara para enfrentá-lo a partir de uma condição de extrema fraqueza”, diz o professor.

Na falta de uma ação coordenada, é possível que alguns países tentem construir uma relação privilegiada com os EUA, baseada em afinidades político-ideológicas. Algo que, segundo o historiador, é arriscado e de resultado incerto. A integração é tanta que é difícil um país se blindar de uma ação agressiva dos EUA que seja mirada em outro membro. “Os setores econômicos são ligados entre si, existem milhares de pequenas empresas italianas ligadas ao setor automobilístico alemão, por exemplo”, afirma Del Pero.

Partidários

Com Donald Trump, a ultradireitista compartilha laços partidários, ideológicos e amizade com Elon Musk. Defende que o futuro presidente não seja tratado como inimigo e que a UE seja pragmática. Será uma interlocutora, mas a Itália não gasta como deveria em defesa e tem muito a perder em uma eventual guerra comercial.

Por Michele Oliveira - Folhapress